



CIVILIZAÇÃO (1892)



DE EÇA DE QUEIROZ

ÍNDICE

1. NOTAS BIOGRÁFICAS

Eça: cenas de uma vida

2. NOTAS HISTÓRICO-LITERÁRIAS

A Questão Coimbrã

A geração de 70 e as Conferências do Casino

As fases de Eça

Paráfrase

3. O CONTO

Estilística

Uma proposta de interpretação

NOTAS BIOGRÁFICAS



EÇA: CENAS DE UMA VIDA



1845

Nasce José Maria de Eça de Queiroz na Póvoa do Varzim

Entra na Faculdade de Direito de Coimbra

1861

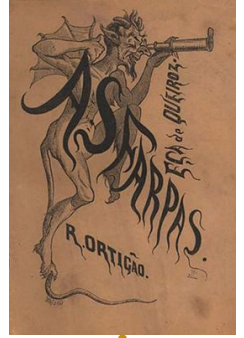


Eça forma-se em Direito. É também o ano da Questão Coimbrã

1866

Viagem a Palestina, Egito e Síria. Assiste a inauguração do canal de Suez

1869



1871

Publicação do primeiro número d'As *Farpas*. São realizadas as Conferências do Casino

EÇA: CENAS DE UMA VIDA

1875: primeira
versão d'*O Crime
do padre Amaro*



As viagens do
cônsul Eça

Nomeado cônsul
em Paris

Morre em
Neuilly-sur-Seine

1872

1886

1888

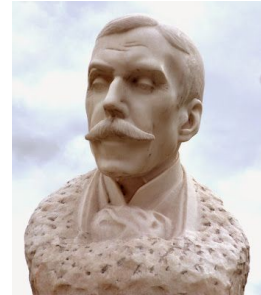
1892

1900



Casa-se com Emília
de Castro
Pamplona
(Resende)

Publicação na
*Gazeta de
Notícias*, do Rio
de Janeiro, de
Civilização



NOTAS HISTÓRICO-LITERÁRIAS

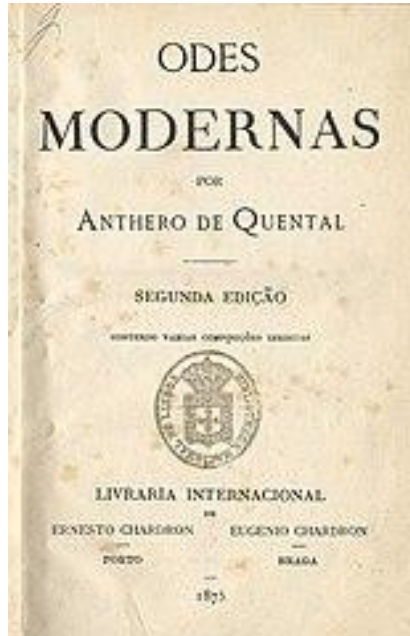


QUESTÃO COIMBRÃ (1865-1866)

- A Questão de Coimbra foi, a princípio, uma “polêmica literária” que se desenrolou em um movimento de revolução cultural contrário às prerrogativas culturais provenientes de um romantismo exacerbado, vigente em Portugal até então.

[...] Mais do [que um] conflito entre movimentos literários (romantismo e realismo) foi **uma confrontação entre duas concepções divergentes** em diferentes aspectos referentes à condição social da literatura: uma *alienada* e puramente decorativa, praticada pelos escritores ultra-românticos; a outra, perfilhava uma concepção *empenhada* da criação literária, à luz da qual os problemas de ordem social deviam ocupar a atenção do escritor. (REMÉDIOS, 1996, p.112)

ODES MODERNAS



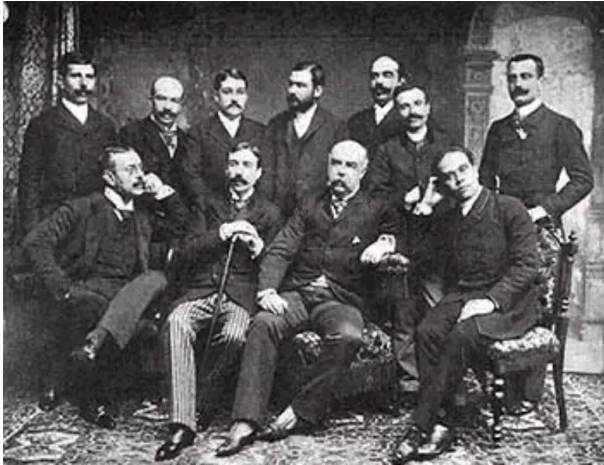
- A atmosfera polêmica começa com a publicação do livro *Odes Modernas* (1865) de Antero de Quental;
- Reflexão sobre a função revolucionária da poesia;
- Crítica à alienação e à letargia artística.

A GERAÇÃO DE 70



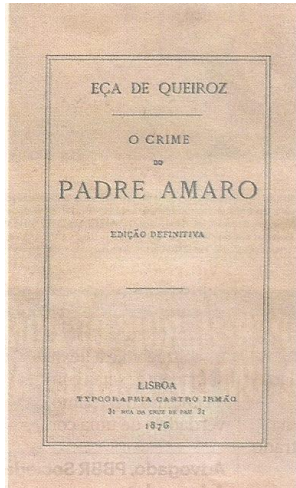
- A geração de escritores de 1870 em Portugal foi marcada por uma transição literária significativa, refletindo mudanças sociais, políticas e culturais do país;
- Esses escritores, incluindo nomes como Eça de Queiroz, Antero de Quental e Ramalho Ortigão, romperam com o idealismo romântico e abraçaram uma visão mais realista e crítica da sociedade.

AS CONFERÊNCIAS DO CASINO



- Realizadas na primavera de 1871, em Lisboa;
- A quarta conferência ficou a cargo de Eça, que se refere a ela, no periódico *As Farpas*, como: “A afirmação do realismo como nova expressão da Arte”;
- Em seu discurso, Eça aponta o romantismo como uma forma artística já ultrapassada e defende o realismo como a forma moderna da literatura, buscando retratar a sociedade de forma mais objetiva e realista.

PRIMEIRA FASE: NATURALISMO



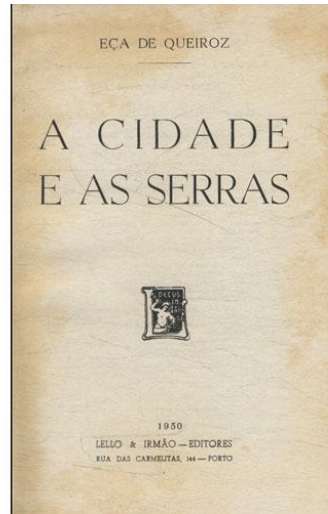
- Principais obras: *O crime do padre Amaro* (1875) e *O primo Basílio* (1878);
- O meio determina o caráter das personagens e é fundamental para que a intriga se desenvolva.
- Visão urbanista;
- Personagens caricaturais.

SEGUNDA FASE: TRANSIÇÃO ENTRE O NATURALISMO E A SUA SUPERAÇÃO



- Obra principal: Os Maias (1888);
- O meio ainda é responsável pelo caráter das personagens, mas ele também é modificado por elas;
- O meio não é fundamental para o desenvolvimento da intriga;
- Início da mudança do ponto de vista urbanista em favor de um sentimento rural.

TERCEIRA FASE: QUESTIONAMENTO E SUPERAÇÃO DO NATURALISMO



- Principais obras: os romances *A ilustre casa de Ramires* (1900) e *A cidade e as serras* (1901) e o conto *Civilização* (1892);
- A prosa de Eça traz elementos de natureza histórica, simbólica e mítica;
- Superioridade do campo em relação à cidade.

TERCEIRA FASE: QUESTIONAMENTO E SUPERAÇÃO DO NATURALISMO

[...] De modo que estou nesta crise intelectual: ou tenho de me recolher ao meio onde posso produzir, por processo experimental - isto é, ir para Portugal -, ou tenho de me entregar à literatura puramente fantasia ou humorista
(ABDALA JR, 1982, p. 113)

O CONTO



PARÁFRASE

Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do Ecclesiastes, de outros pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, **bocejava**, com um bocejo cavo e lento, passando os dedos finos sobre as faces, como se nelas só palpasse palidez e ruína. **Por quê?** Era ele, de todos os homens que conheci, **o mais complexamente civilizado** — ou, antes, aquele que se munira da mais vasta soma de civilização material, ornamental e intelectual. (QUEIRÓS, 2004, p. 66)

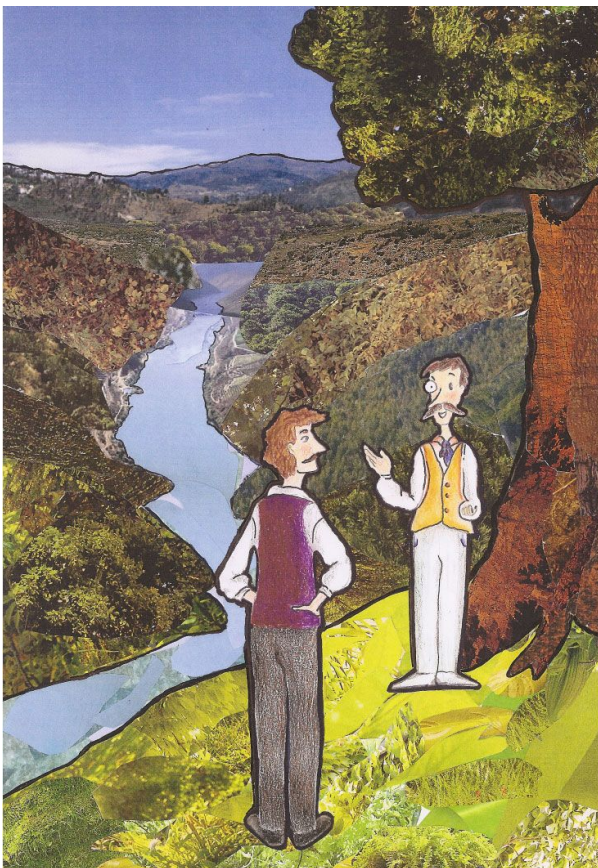


PARÁFRASE

Bem mais aprazível (para mim) do que esse gabinete temerosamente **atulado de civilização** — era a sala de jantar, pelo seu arranjo **compreensível, fácil e íntimo**. (QUEIRÓS, 2004, p. 69)

« **Que maçada! Que maçada!** » Claramente a vida era para Jacinto um **cansaço** — ou por laboriosa e difícil, ou por desinteresse e **oca**. Por isso o meu pobre amigo procurava constantemente juntar á sua vida novos interesses, novas facilidades. (QUEIRÓS, 2004, p. 74)





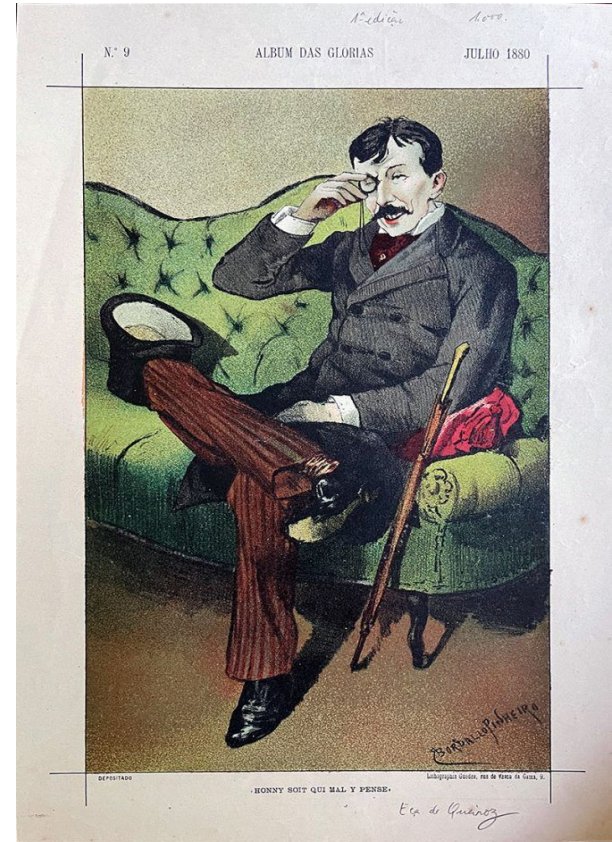
PARÁFRASE

Todos os nossos bens tinham **encalhado**, decerto, naquela estação de roseiras brancas que tem um nome sonoro em *ola*. E nós ali estávamos, **perdidos** na serra agreste, **sem procurador, sem cavalos, sem Grilo**, sem malas. Para que esfiar miudamente o lance lamentável? (QUEIRÓS, 2004, p. 77)

Mas os caixotes - esses **caixotes remetidos para Torges**, com tanta prudência, em abril, repletos de colchões repletos de **colchões**, de **regalos**, de **civilização!** [...] Nada chegara, nada aparecera.” (QUEIRÓS, 2004, p. 79)

PARÁFRASE

O homem nas capitais pertence à sua casa [...].
Tudo o **isola e o separa** do restante da natureza [...].
Não há ideia mais consoladora do que esta - que eu,
e tu, e aquele monte, e o Sol que, agora, se esconde,
somos moléculas do mesmo Todo, governadas
pela mesma Lei, rolando para o mesmo Fim. Desde
logo se somem as responsabilidades torturantes do
individualismo. **Que somos nós?** Formas sem força,
que uma Força impele. E há um **descanso delicioso**
nesta certeza, mesmo fugitiva, de que se é o grão
de pó irresponsável e passivo que **vai levado no**
grande vento, ou a gota perdida na torrente!
(QUEIRÓS, 2004, p. 84)



UMA ESTILÍSTICA ACOMETIDA POR FARTURA

O que, porém, mais completamente imprimia àquele gabinete um portentoso carácter de civilização eram, sobre as suas peanhas de carvalho, os grandes aparelhos, facilitadores do pensamento — **a máquina de escrever, os autocopistas, o telégrafo Morse, o fonógrafo, o telefone, o teatafone, outros ainda, todos com metais luzidios, todos com longos fios.** Constantemente sons curtos e secos retiniam no ar morno daquele santuário. **Tique, tique, tique! Dlim, dlim, dlim! Craque, craque, craque! Trre, Trre, Trre!...** **Era o meu amigo comunicando.** Todos esses fios mergulhados em forças universais transmitiam forças universais. E elas nem sempre, desgraçadamente, se conservavam domadas e disciplinadas! (QUEIRÓS, 2004, p. 67)

Enumeração → Ironia

UMA ESTILÍSTICA ACOMETIDA POR FARTURA

O velho escudeiro Grilo pretendia que « **Sua Excelência sofria de fartura!** » (QUEIRÓS, 2004, p. 75)

Do bocejo aos “Ahs! maravilhados” (QUEIRÓS, 2004, p. 78).

Adiante era certamente o quarto de D. Jacinto, um quarto claro e casto de estudante, com um catre de ferro, um lavatório de ferro, a roupa pendurada de cabides toscos. **Tudo resplandecia de asseio e ordem.** As janelas cerradas defendiam do sol de Agosto, que escaldava fora os peitoris de pedra. Do soalho, borrifado de água, subia uma fresquidão consoladora. Num velho vaso azul um molho de cravos alegrava e perfumava. **Não havia um rumor. Torges dormia no esplendor da sesta** (QUEIRÓS, 2004, p. 88).

O TÉDIO E A TESE: UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO

“A experiência
é uma
invenção”
(HELDER,
2006, p. 67)

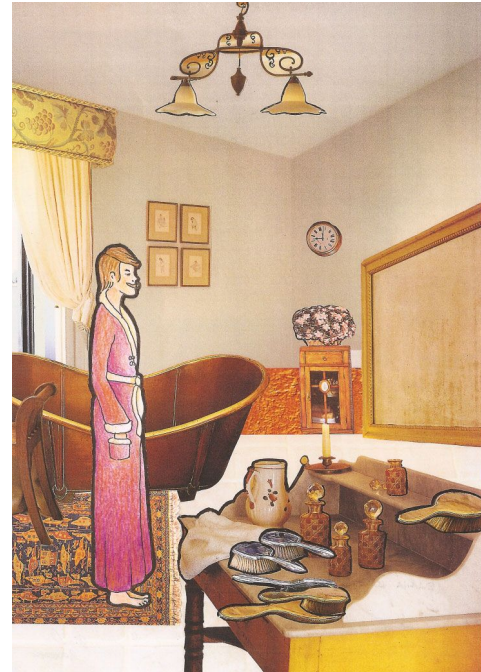
O campo e a
resolução do
tédio. Uma
personagem em
seu lugar

A capenga
modernidade de
Portugal:
“saudosismo”
final de Eça

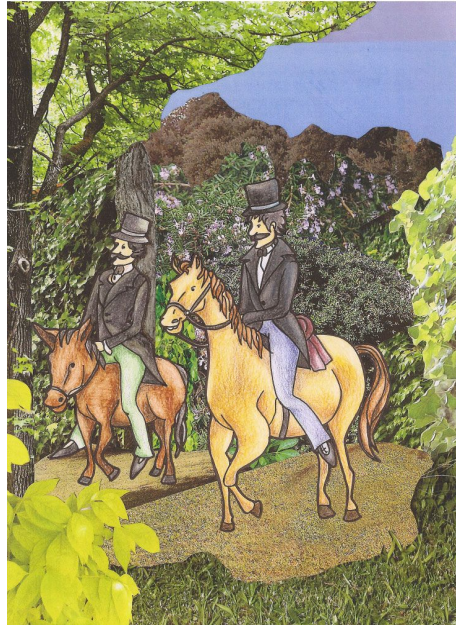
Noção de
civilização

O TÉDIO E A TESE: UM QUARTO ENTULHADO DE CIVILIZAÇÃO

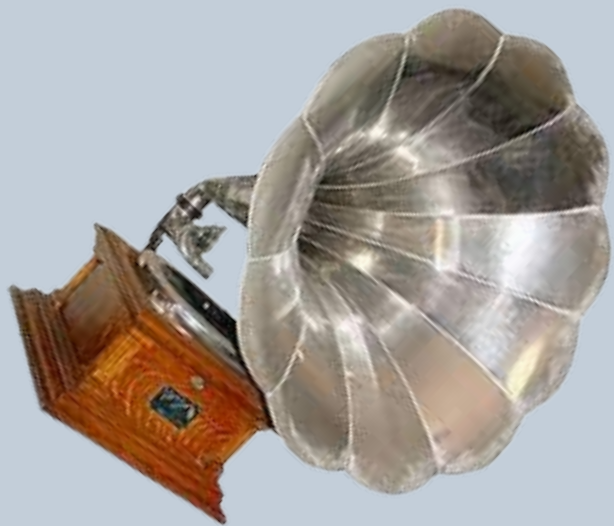
O quarto respirava o frescor e aroma do jardim por duas vastas janelas, providas magnificamente (além das cortinas de seda mole Luís XV) de uma vidraça exterior de cristal inteiro [...]. **Todos estes resguardos (sábria invenção de Holland & C^a de Londres) serviam a graduar a luz e o ar** — segundo os avisos de termómetros, barómetros e higrómetros, montados em ébano, e a que um meteorologista (Cunha Guedes) vinha, todas as semanas, verificar a precisão. (QUEIRÓS, 2004, p.71)



O TÉDIO E A TESE: O CANTO DA PEGUREIRA



Através das janelas desvidraçadas, por onde se avistavam copas de arvoredos e as serras azuis de além-rio, **o ar entrava, montesino e largo**, circulando plenamente como num eirado, com aromas de pinheiro bravo. E lá de baixo, dos vales, subia, desgarrada e triste, **uma voz de pegureira cantando**. [...] encontrei ainda o meu Jacinto no poial da janela, **embebendo-se todo da doce paz crepuscular**, que lenta e caladamente se estabelecia sobre vale e monte. No alto já tremeluzia uma estrela, a Vésper diamantina, que é tudo o que neste céu cristão resta do esplendor corporal de **Vénus! Jacinto nunca considerara bem aquela estrela** — nem assistira a este majestoso e doce adormecer das coisas. [...] Eu estava em frente, no outro poial. **E senti-o suspirar como um homem que enfim descansa**. (QUEIRÓS, 2004, p.80)



QUEM &
,,, NÃO

ADMIRA### RÁ

OS PROGRESSOS

DESTE++++SÉCULO?????



REFERÊNCIAS

ABDALA JR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982

CRONOLOGIA. **Fundação Eça de Queiroz**. Disponível em: <<https://feq.pt/o-escritor/>>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CANDIDO, Antonio. *Entre o Campo e a Cidade*. In: *Tese e Antítese*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.

HELDER, Herberto. *Photomaton & vox*. 4. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2006.

QUEIRÓS, Eça. *Contos Escolhidos*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

REIS, Carlos. *As Conferências do Casino*. Lisboa: Alfa, 1990.

_____. *Eça de Queirós: do Romantismo à superação do Naturalismo*. In: REIS, Carlos (org.). *História da literatura portuguesa*, vol. 5: O Realismo e o Naturalismo. Lisboa: Alfa, 2001, pp. 155-210.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *Eça de Queirós e a Literatura Nova*. **Letras Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 14, p.111-118, dez. 1996.

SALGADO JÚNIOR, António. *História das Conferências do Casino (1871)*. Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar, 1930.

SANTOS, Nílvio Ourives dos. *Eça de Queirós: Realidade e Realismo Português*. *Akrópolis*, Umuarama, v.11, no .1, jan./mar., 2003.